Contos de Agustina Bessa-Luís

A POUSADA

Como chovia, L. procurou atravessar pela margem do jardim público, esquivando-se aos pingos que caíam das tílias florecidas. Uma rapariga que vinha em sentido contrário pareceu-lhe indicada para o informar.

— A Pousada?! — disse ela, meditativa. E como aquilo, possivelmente, de maneira nenhuma a interessava, guardou silêncio por um espaço infinito, enquanto que, com a biqueira da botina, agitava a água de um charco. - Acho que deve ser por aí perto, não sei. — Aparentava o modo aborrecido, vazio, de uma criança que vê um projecto gorado e não acha mais alternativa que voltar à insipidez do lar. Estava literalmente encharcada pela chuva que se derramava, a prumo, com um fragor repicado sobre as pedras e as folhagens tenras de primavera.

— Abrigue-se, ande! — aconselhou L., já depois mesmo de continuar andamento. Ela fingiu não ouvir, mas voltou-se para o observar. Tratava-se de um rapaz de aspecto não muito optimista, tímido ou talvez obcecado a ponto de parecer extravagante; trajava um impermeável demasiado pequeno para a sua estatura — uma dessas peças de vestuário, sebosas, de costuras rapadas, e que, mesmo quando adaptadas ao corpo de quem as usa, não perdem aquela característica de andrajos pendurados às portas dos adelos. Levava consigo uma velha maleta de fibra que, pelo modo como ele a carregava, julgar-se-ia vazia. Esteve um momento à borda do passeio, olhando dum lado ao outro a rua, a gola levantada até meia face, e com todo o ar dum forasteiro um tanto desamparado na própria desorientação. A rapariga não estranhou aquilo. Era pela altura da feira, a vila estava repleta de desconhecidos que vagueavam pedindo informações aos transeuntes e no limiar dos estancos. O indígena zombava deles, ou pelos hábitos ou pelos sotaques típicos, ou unicamente por esse elemento de repulsão que se ausculta entre homens e bichos de diferentes castas e tribos. Porém, a feira era, ali, instituição do forasteiro; instituição antiga e cuja origem, ligada decerto à disposição topográfica da vila, ninguém sabia mais. Nos meados de Maio, e como que motivado por um fenómeno do instinto, hordas de feirantes invadiam aquela praça que, durante o ano inteiro, era como uma imensa arena cuja nudez despertava, ao contemplá-la, um sentimento de desolação e de pungente

culpa. Erguiam-se barracas e pavilhões. Na fachada das tendas coroadas de luzes, flutuavam bandeirolas escarlates. Negociava-se em gado, em cereais, em ferragens, em lã. Desde a embocadura do beco dos oleiros, ferragens, em lã. Desde a embocadura do beco dos oleiros, viam-se os tornos que giravam, gingando, e as ânforas com os seus desenhos gentílicos em vidrado sobre o barro. Os mostruários de oiros dos ourives cintilavam foscamente sobre veludos. E a mercadoria dos curtidores, que espalhava um fedor macabro, empilhava-se no interior dos cacifos iluminados a morrão de candeia. Vendiam-se as primeiras cerejas, o requeijão de cabra. O cheiro do queijo seco e das gomas que embebiam as peças de algodão distinguia-se bem, porque o ar era rarefeito, tão penetrante e fino que respirá-lo obrigava os pulmões a uma opressão dolorosa. Porque a vila era situada na vertente da montanha e em plano muito elevado. Nas madrugadas de inverno viam-se, de cima, os flocos das nuvens, donde despontavam beirais e cataventos; e os cálices dos lírios que cresciam no rebordo dos muros pareciam vogar sobre a névoa algodoada, e eram como que pintados num relevo de espesso óleo sobre uma tela.

Talvez porque era aquela uma terra que, com o tempo, se descentralizara das encruzilhadas, se não dos interesses, da civilização, não continuava muito progressiva. Excepto naquele período de feira, a vida decorria ali numa cadência em que o supremo elemento espiritual era a conformação. Definida outrora como uma grande estação de comércio, não mantinha senão um prestígio muito abalado, pois que as velhas glórias só se perpetuam alimentando-se de glórias novas. Ora, a feira significava, agora, apenas um mercado de géneros comezinhos e medíocres. Mesmo as mercadorias raras encontrariam escasso público naquela atmosfera de estagnação. Tinha passado tempo em que frequentavam a feira os mercadores do Oriente, e os intendentes dos nobres subiam a montanha nas suas liteiras de couro, rodeados de guias e palafreneiros queimando archotes de resina para afugentar os lobos, atochando de ferro os trabucos, para intimidar párias e salteadores. A vila, em si, mantinha uma certa atmosfera de estacionamento, de pausa, vizinha da decadência, com as suas pedras de armas sobre arruinados portões, o coreto ao centro do jardim público, com os suportes de ferro das partituras caídos contra a balaustrada. Recente, havia só a Pousada. Era uma branca mansão embonecada, com reixas abauladas ao rés-do-chão, e

destinava-se a albergar como hóspede de honra todo aquele que contribuísse para o esplendor e a sobrevivência da feira. Apesar de a lotação da Pousada se manter esgotada e um bom número de personalidades cirandarem pelos seus corredores e abancarem no refeitório com uma pontualidade imperturbável, a feira nem por isso estava mais brilhante, e nela menos que nunca abundavam os produtos originais ou de sensação. Isto magicava L. enquanto ia atravessando pela orla do parque, esgueirando-se sob as tílias que, movidas pelo vento, eram como inopinados chuveiros. Ele tinha cruzado em toda a extensão o recinto onde acampava a grande turba, desde o bufarinheiro mais humilde, com o seu tabuleiro de bagatelas suspenso com uma correia ao pescoço, até aos expositores de raridades. Nada vira de inédito, se bem que se detivesse farejando aqui e além us barracas, de cujo interior vinham lampejos estranhos, risos estrídulos de mulheres de trunfa loira como a rama seca do painço. Às vezes não era mais do que uma tropilha de saltimbancos que subira à montanha para fazer render o seu espectáculo de bichos amestrados ou monstros de olhar resignado e entorpecido. Gente promíscua e faminta, que dormitava ou altercava rolando-se entre os fardos das forragens dos cavalos normandos, em cujas ancas pulavam os equilibristas. L. afastava-se com um gesto de asco mal dissimulado com a sua expressão de piedade. Uma por uma, ia espiando as tendas desmanteladas pelo aguaceiro, não isento duma angústia funda, impaciente. As precauções que tomava para abrigar a sua pobre maleta pareciam tão comoventes quanto inúteis. A chuva parecia ir despedaçá-la fazendo despegar os rótulos das hospedarias que conhecera no caminho. A chuva alagava toda a feira; lonas rasgadas flutuavam; ouvia-se, nos seus redutos, o mugir do gado; e o cheiro do pêlo, que desprendia vapor, vinha de mistura com outros cheiros nauseabundos, de legumes que apodreciam, de peixe acamado em salmoura. Ouvia-se um gorgolejar de esgotos, e cataratas de lama precipitadas das ruas escarpadas alastravam na praça, formando um lago onde empolavam bolhas, como um pâutano que referve. No enxurro, boiando entre cascas de frutas, vinham flores, cheias de frescura, com gotas de água tremendo-lhes nas pétalas. Penosamente, L. foi avançando, chegou à parte alta da vila. Barrada ao leste pela montanha, ela aparecia inteiramente submersa naquela cortina de água que caía como cinza peneirada do alto. L. olhou em volta. Não se

avistava ninguém. Apenas via à sua frente a rua — velha rua de burgo, com essa aparência de destruição e abandono que têm certas ruas que ficaram, na verdade, inacabadas. A soledade do lugar comunicou-lhe um receio que não sabia se provinha da própria desorientação dos seus passos, se da estranheza que bruscamente reconheceu nos seus intuitos e na sua própria realidade. Teria retrocedido, se não visse a rapariga.

Sem ser bela, exprimia certo tipo de harmonia exótica que pode impressionar ate a fascinação. Chamava-se talvez Maria. A sua voz possuía aquela vacilante entoação própria dos que receiam ser demasiado jovens para que se lhes atribua personalidade.

— Não sei onde é a Pousada. Deve ser por aí.

Corou a escutar a própria insolência, e L. voltou o rosto, para não a perturbar ainda mais. Com a desgarbada atitude de quem se pressente vigiado com ar de crítica, continuou a andar. Mas ela chamou-o.

— Espere aí. — Aproximou-se. Com o calçado raso, o andar parecia bambo, ligeiramente flectido para trás. — Acho que sempre lhe posso indicar.

L. limitou-se a esboçar um agradecimento. Caminharam lado a lado, subindo sempre, tomando por ladeiras um tanto escuras mesmo àquelas horas da manhã. Às vezes, um arco de pedra surgia pela frente, sem outro intuito que não fosse ligar os muros meio derruídos onde se agitavam longas varas de roseira e hastes de girassol.

— Leva algum recado para a Pousada? — perguntou Maria, sem abandonar o modo hirto e descontente.

— Vou instalar-me lá, durante a feira.

— Vai?

Se ela denunciou vivacidade e surpresa, vingou-se tornando a expressão mais fechada. Era como todos os adolescentes, para quem uma reacção pessoal parece de enorme importância, porque lhes enche o espírito dum desmedido senso de responsabilidade quanto à impressão que desejam causar. Via-se, acima de tudo, que ela não sabia que fazer de todas as emoções inéditas que a assaltavam como outros tantos casos de consciência.

— Disseram-me que eu podia ficar lá, na Pousada — disse L.

Maria compreendeu que ele era decerto um desses ambiciosos concorrentes da feira, dispostos a impor os seus medíocres produtos, valendo-

se para isso da influência e do prestígio da Pousada. No íntimo, ela desprezou-o e quis fazer-lho notar com olhares repassados de secura. Mas L. não teve o mínimo cuidado em reparar neles. Divagava, mergulhado numa profusão de pensamentos exaltados e tão simplesmente felizes que lhe davam ao rosto características delicadas e infantis. Entretanto, chegavam.

Tinha passado a chuva, mas as goteiras da Pousada despejavam a água ainda represa. E esse ruído de cachoeira, caindo, rente às frestas das caves, no chão de cimento, provocou em L. uma sensação entusiasta e ágil, de jovialidade, igual ao impulso físico que estimula a brincar uma criança.

A Pousada, com as suas persianas verdes a meio-correr, as inúmeras chaminés que não fumegavam, não impunha qualquer aparência de actividade. Logo no átrio, L. foi tomado de surpresa ao receber como que um jacto de calor; envolveu-o o bafo dos caloríferos, e ele manifestou o seu prazer com uma exclamação voluptuosa e inocente. Sacudiu os cabelos molhados, ao mesmo tempo que imprimia a todo o corpo uma agitação brusca, exactamente como um cão que se sacode. Maria retirava-se em silêncio, muito hostil porque estava profundamente vexada com o proceder do companheiro. Também ela achava o átrio quente, ameno e bonito; e aquelas brasas fingidas na lareira de tijolo, brilhando sobre a grelha limpa e ao lado dos atiçadores sem uso, causavam-lhe maravilha. Mas mantinha-se inescrutável.

— Não me deixe ainda — disse L. Reteve-a, segurando-a pela manga, cheio de uma familiaridade tocante, porque insinuava gratidão.

— Porquê? Ora, porquê?!

Seguiu-o, aparentemente de má vontade, até ao balcão onde o empregado, de tão imóvel, parecia ter subitamente falecido, inclinado sobre o livro de registos.

— Não há quarto — informou. Com essa cortesia estereotipada que usam aqueles a quem a profissão obriga a lidar com filas de anónimos, cada um dos quais tanto pode ser um ministro como um aventureiro, ou ambas as coisas, ele acrescentou: — Não há um só aposento disponível, não.

— Como diz? Não entendo isto. Supunha que eu tinha direito a alojamento aqui... — E L., que tinha retirado a carteira do bolso, pôs-se a separar alguns documentos que o identificavam.

— De facto...— O empregado tomou um ar indeciso ou simplesmente distraído. O telefone tocou, e, enquanto atendia, ele continuou em voz rápida e calma, tapando levemente o bocal com os dedos: — Mas não temos um só quarto. De resto, não houve da nossa parte compromisso formal; não comunicámos oficialmente com o senhor.

— Oficialmente?! — L. era presa de uma perplexidade imensa. — Isso é resposta? Então a própria organização da Pousada, criada exclusivamente para casos como o meu, não é já um compromisso formal? Como posso cuidar outra coisa senão que me aceitam, que me recebem aqui e que a minha presença não corresponde a outra coisa que não seja o cumprimento da lei da própria Pousada?

— Por favor... — O empregado falou com modo apaziguador, trocando olhares expressivos com Maria, que se mantinha à parte sem qualquer indício de parcialidade. - Eu sei que a lista não o indica como hóspede presumível; que não consta aqui quarto reservado para o senhor. Pode verificar o senhor mesmo. Além do que não há quartos. Pode verificar.

Adiantou-lhe o livro sobre o balcão, acompanhando o gesto com expressão entre melíflua e ofendida. Maria adiantou-se, discreta, folheou umas páginas. Via-se que tentava atenuar os modos rudes do seu companheiro, pelo contraste da sua distinção e do seu critério.

—Não se trata disso — rosnou L. — E fez deslizar o livro ao longo do balcão. - Não há aí ninguém a quem eu possa falar? Um gerente, um encarregado qualquer da administração?

— Não acho possível. Mas pode procurar informações na secretaria.

Esperaram mais um bocado no átrio, até que um paquete, entalado num estreito dólman vermelho, os guiasse por um corredor apenas iluminado pelas bandeiras, de vidro opaco, das portas. Viam-se na obscuridade os verdes húmidos das plantas ornamentais. As folhas das begónias, de um soturno escarlate, com a sua penugem áspera que brilhava como uma arrepiada superfície de cincelo, roçavam-lhe no rosto, ao passar.

—É aqui — disse o rapazinho, cuja cabeça parecia despontar, como por um truque de magia, do hirto colarinho do dólman.

Entraram. Desde o começo, o secretário que os atendeu pareceu encantado. Era um homem um tanto obeso e que conservava as mesmas

feições insípidas e graciosas duma criança, mas ja murchas e envilecidas. Era extraordinariamente loquaz. Acima de tudo, preocupava-o a afirmação da sua categoria e o esclarecimento dos seus poderes. Ouviu a reclamação e as queixas de L. com modo bonachão e fatalista, como se tudo aquilo fossem apenas lamentações dum doente imaginário que, apesar de tudo, há-de morrer um dia, como toda a gente.

— Mas porque, antes de mais nada, não se apresenta no pavilhão dos expositores? É um pavilhão patrocinado pela Pousada, e pode levar uma recomendação minha, que será admitido. Porque é que não quer?

E fazia-se pródigo, oferecendo oportunidades de divulgação, de comunicação, de êxito, com um modo radioso e inspirado. Maria retribuía com sorrisos humildes e deslumbrados aquele afável dinamismo. L., beatificamente, embasbacava, feliz, a amargura do seu primeiro embate com a Pousada já esquecida, como uma ferida que o calor adormenta. Então o outro foi mais entusiástico ainda, perante aquele auditório sugestionável. Pôs-se a falar de si próprio, da sua fogosidade empreendedora, dos seus planos e sonhos barbaramente, mesquinhamente reprimidos pela mediocridade das instituições.

Numa voz petulante e usando um tom filosofal, criticou a Pousada, sem mesmo parecer importar-se com as portas abertas para outros gabinetes e os empregados que repassavam pelo corredor, atirando para dentro do aposento aquele olhar contido, intencional e fátuo que têm os membros mais modestos dum agregado conceituado pelo público.

—Isso mesmo! — aplaudia L., totalmente conquistado por aquela mordacidade tão arrojada e tão clara. — Veja a minha situação: o facto de a Pousada ser instituída como medida de estímulo aos da minha condição, acho que já constitui um compromisso. E veja como me recebem: «Volte embora, ou morra, ou arraste-se por aí pelos becos da feira, mendigue aqui, adule além, subsista como puder, meu amigo. Ninguém lhe pediu que viesse; ninguém pediu a sua contribuição. Pelo menos não recebeu comunicado oficial»

O outro tergiversou e não respondeu, continuando com a sua charla apenas interrompida. Ele exibia uma turbulência incoerente. Como todas as pessoas que vivem no domínio dos interesses, emprestava um valor imenso às coisas da sensibilidade, tributando-lhes um respeito grotesco, justamente porque eram para si letra morta. Mas L. apenas via nele uma influência

protectora, alguém cujo cargo tinha de corresponder a algo de justo e eminente. E esforçava-se por interpretar-lhe com elevação as frases ocas, e com grandeza a nulidade, a abjecta maledicência de lacaio. Tudo isso — pensava — não era mais que outras tantas manifestações dum espírito que sofre e se revolta com as deficiências do ambiente, e que é subordinado pela força da engrenagem da própria vida Assim, com esta grata opinião, despediu-se, e saiu com Maria.

Ambos estavam alegres. Ela, que nessa mesma manhã era uma desconhecida chapinando na chuva, erguia agora para L. os olhos cheios de um ânimo afectuoso e quase tentador. Os seus cabelos pretos rolavam-lhe nos ombros e eram como longas plumas riçadas nas extremidades. Notou L. que as botinas com que ela mergulhara nos charcos eram, na realidade, galochas, das quais se desembaraçara decerto no vestiário da Pousada. Esse indício duma índole prática, muito positiva, desagradou-lhe duma forma indefinível. E por tal motivo experimentou em relação a Maria um insidioso sentimento de desdém. Mas logo o esqueceu. Ela mostrava-se duma solicitude ligeiramente importuna, e não escondia o intuito de o acompanhar, agora que alguém da Pousada parecera fixar-lhe um destino. L. não era, portanto, um vagabundo; tão-pouco um forasteiro vulgar, desses que se vêm de noite defronte das vitrinas, cotejando os preços dos artigos ou imaginando o sabor das flores de maçapão. Assim, ela entregava-se a pequenos transportes de afabilidade que eram como que ditados pelo remorso do seu procedimento anterior, menos caloroso mas tão impertinente como a sua consideração actual.

Desceram ao recinto da feira. Um turbilhão de gente parecia redemoinhar do centro e alastrar como ondas que se vão atenuando à medida que se aproximam das margens. O sol descobrira-se e, fraco, ele iluminava toda a vertente; débeis flechas de luz penetravam nas ruelas onde os cães fossavam em detritos, e os galinheiros, rentes aos muros baixos, davam ao ambiente um cunho doméstico e também sórdido e abandonado. Brilhava o papel envernizado dos cartazes da feira. Das lamas que iam solidificando, de toda aquela multidão que se agitava e fremia, arrebatada ao longo de todos aqueles becos e acampamentos de comércio, subia um cheiro indestringável e lúgubre. L., que caminhava consultando a espaços o cartão que o conduziria

ao pavilhão da Pousada, sentia-se invadir por um descontentamento submisso. Enviava em todas as direcções um sorriso tímido e contrafeito.

— É aqui — disse Maria. Ante a reacção de L., ajuntou ainda: — Talvez seja engano...

Contemplavam eles a espécie de pardieiro que tinham diante, já situado num lugar excêntrico da feira. Não havia engano. Simplesmente aquilo não era o pavilhão da Pousada, mas um estabelecimento de certo modo agregado à mesma administração. Isto lhes explicou um cavalheiro de voz singularmente pomposa e atitudes cheias duma nobre reserva, como acontece com actores de segunda ordem na interpretação de mordomos e diplomatas. Ele era pródigo dessas atenções pressurosas que é comum antecederem uma má notícia. Fê-los passar para o interior da barraca, cujas paredes de lona estavam impregnadas de salitre. Numa velha braseira de cobre fumegavam alguns carvões, e pesado cheiro de gás, que deles se desprendia, enchia o ar.

— Tenho muito prazer — disse o homem. — Pela minha parte não vejo inconveniente à sua admissão como concorrente, se é um dos inscritos na Pousada.

— Mas justamente não sou hóspede da Pousada. Sou recomendado da Pousada, mas não hóspede de lá.

—Ah, sim?! Mas só tenho permissão para franquear admissão aos hóspedes da Pousada. — E, ante o rosto ansioso de L.: — Bem, o senhor compreende que o seu casa é um tanto raro, diremos, até, inédito. Recomendado, mas não hóspede. Sendo hóspede, isso corresponde a uma recomendação, mas bem vê que uma recomendação não corresponde a ser hóspede...

— E então?

— Vou comunicar com a Pousada, eu próprio. Procure-me depois, talvez amanhã. A minha boa-vontade é excelente, e o seu caso interessa-me. Lembro-me que uma vez...

Contou coisas. Falava, fazendo às vezes o gesto de atirar sobre o ombro uma toga romana. Era explícito, quase servil, mas de tudo o que dizia retirava todas as oportunidades que pudessem reatar o assunto insolúvel de L. Ensosso e sem alegria este escutava-o. O ar denso, as paredes ressumantes de cristais provocados pela humidade, submergiam-no numa disposição

amarga. E aquele homem, lógico e prudente, exasperava-o. Porém, mais uma vez a sugestão das promessas, das palavras deferentes, dos risos, das expansões fúteis e esgotantes hipocrisias, acabavam por o adormentar. Quando abandonou o miserável abrigo, entardecia, e na mole rumorosa da feira acendiam-se e piscavam os anúncios luminosos. Pregoeiros incitavam às rifas, sacudindo nas mãos os maços de bilhetes. Nos recantos mais esquivos giravam as roletas iluminadas pelos bicos dos gasómetros. O horizonte exauria-se numa claridade melancólica e fatal, comunicada às serras, cujos cimos dentados se entreviam, sobrepostos, dum azul marinho e penetrante.

— Voltamos à Pousada? - quis saber Maria. Ela era infatigável, duma actividade toda resoluta e até inconsciente.

Como apenas um pequeno contributo moral entrava nessa energia, não se ressentia com decepções. L. estava exausto, faminto, sem coragem, e olhava o percurso da Pousada com ar pouco decidido.

Era noite quando chegaram. Agora, o átrio não lhes causou aquela primitiva impressão de cordialidade e estímulo. Todo o regionalismo peralvilho dos seus cabides e o conventual dos seus bancos pareciam ridículos e sem objectivo. O empregado dos registos não deu mostras de os reconhecer. E o pequeno grumete de farda escarlate esgueirou-se e simulou não ter ouvido, quando L. o chamou tentando fazer-se anunciar e ser introduzido junto de alguma autoridade. Esperaram. O mestre-sala, que às vezes vinha até ao limiar do vestíbulo, perscrutando firmemente a entrada e os recantos sob as palmeiras anãs, causava-lhes o nervosismo. Respiravam ali uma secreta intenção de represália. Era alguma coisa que lhes aconselhava prudência, e, durante algum tempo, não se atreveram a pronunciar quaisquer palavras entre si, com medo de denunciar um aspecto de hostilidade no seu ar de conciliábulo e segredo. Chegava até eles um aroma de comidas, o vapor dos *consommés* que entreviam passar em terrinas de frisos doirados; ouviam o tilintar do gelo nos baldes de cristofle. E todo o luxo que se insinuava discretamente através dos cortinados de veludo cor de canela, ligeiramente manchados de fumo, toda aquela evocação de sensualidade repousada, de coisas caras e distantes, feria-os no mais íntimo do coração.

Pensava L. que aquela rapariga, cuja companhia aceitara como um pacto, o embaraçava agora com o seu rosto desfalecido e a expressão azeda

do olhar. Mandá-la-ia embora, se ela não tomasse aquilo com demasiado melindre. Mas ela nem cismava, por sua parte, em ir-se embora. Antes fiscalizava as inúmeras portas de acesso aos salões e aos andares superiores, seguia o vulto dum serviçal, imaginando que meandros ele conheceria, que personagens encontrava ao longo das alcatifas vermelhas onde os passos faziam um rumor fofo e misterioso. Sozinha não lhe seria difícil percorrer a Pousada, chegar até à influência hierática e estranha que dimanava do centro daquele labirinto. Mas havia L. E só o talhe do seu corpo na sombra do átrio lhe provocava um poder violento, como se nele auscultasse a captação dos seus pensamentos. Isto enchia-a de rancor, de intranquilidade, tanto mais que se sabia injusta. Conservava-se pois hirta, sem cuidar em esconder o desencanto que lhe causava L.

— Descubra qualquer coisa. Veja se descobre como há-de resolver isto.

—Ora, o quê? — E ele ficava-se a murmurar depois, cheio duma torturada sinceridade: —Não sirvo para isto...

Maria não sabia que contestar. Ela pressentia quanto era indigno permanecerem ali como cães escorraçados que se insinuam de rojo, ganindo uma lamúria toda submissa. De espírito mais árido, porém, ela suportaria tudo, se, por um interstício da sua própria razão, ela entrevisse uma possibilidade, por ilógica, por fantástica que fosse. Optando sempre pelo seu plano de actividade, foi espiar à entrada do salão, no qual, sob um tecto baixo onde se entrecruzam pesados barrotes de castanho, os hóspedes jantavam.

— Que deseja?

Junto dela, o mestre-sala, no seu jeito de se curvar confidencialmente sobre o ombro dos convivas, parecia pronto a sugerir uma salada ou uma marca de vinhos. Maria retrocedeu, confundida.

— Não é nada — disse. E já o homem se afastava, sem mesmo lhe conceder um olhar repreensivo, quando ela o interpelou com a rudeza desesperada dos tímidos: — Aquele senhor... — Apontou L., que estava quieto e sonolento junto da sua pequena bagagem. — Ele quer falar com alguém. É muito importante.

O homem pôs-se a divagar, decerto chocado por aquele problema inédito, fora do hábito das suas listas de acepipes, dos seus conselhos gastronómicos, das gorjetas e das referências. Rispidamente, chamou um

criado, disse-lhe qualquer problema inédito, fora do hábito das suas listas de acepipes, dos seus conselhos gastronómicos, das gorjetas e das referências. Rispidamente, chamou um criado, disse-lhe qualquer coisa baixinho e com expressão de comando. Mas logo interveio o empregado dos registos, que até ali presenciara tudo com fleuma, sem deixar de atender o telefone, a orelha colada ao auscultador, o olhar extasiado e seráfico:

— E você sabe se eu ia mandar recado para o gabinete?

E se mandasse? Há alguma disposição em contrário?

—Olha que esta! — tornou o homem do balcão, agora muito assanhado. — Tenho instruções para...

Estabeleceu-se um debate. O moço do elevador chegou-se ao pé, veio opinar também, num segredar venenoso. E o mandarete, com a barbela entalada na gola rígida do dólman, disse coisas, todo pasmo, ora acirrando ora conciliando os partidos, porque era pequeno e vivia sob a caprichosa lei de todos os mais.

— A minha responsabilidade... — bramia surdamente o mestre-sala, empertigando-se dentro da sua jaqueta branca de cerimónia.

— E as ordens que recebi... — replicava o outro, digno, muito ressentido.

Aquilo tornava-se uma altercação pessoal, reflectindo rivalidades; um desquite de classes em reles discussão de direitos. Ambos se mediram por uns momentos, opondo-se a voz ferina de um ao tom melindrado do outro. Fatigaram-se por fim, foram cedendo, abrandados pela tolerância mútua, e em breve trocavam palavras camaradas, porque, eles sabiam, eram demasiado dependentes, estavam por demais ligados por um ódio comum aos superiores, para se darem ao prazer de serem inimigos particularmente.

— Afinal, ele que pretende? Quem é ele?

Voltaram-se para L. E ali estava aquele forasteiro de aspecto duvidoso, vestido com aquele impermeável mole e pingão, como acontece quando tais roupas foram demasiado usadas e lavadas. Quem era ele, afinal? E que pretendia? Calaram-se todos, comunicados entre si pelo vexame de terem dado o espectáculo dos seus atritos, da sua desunião, perante semelhante tipo. Trocaram mais algumas frases entrecortadas, fingiram uma súbita pressa, dispersaram-se, não sem antes fixarem Maria com uma intensidade calculista,

muito cínica. No balcão ficou o empregado mexendo preguiçosamente nos seus papéis, anotando números, coçando às vezes a caspa com a ponta do lápis, e aparando as unhas.

Quando, tempo depois, lhes vieram dizer que se retirassem, que a Pousada ia fechar, Maria, vergando a cabeça sobre o peito, pôs-se a chorar, inconsolável. Até ao último momento, ela retivera L., usando para isso todas as suas artes, ora suplicando, ora chamando-lhe cobarde, espírito conformado, vencido, ora apresentando-se a si mesma como vítima da sua deserção. Preferia que a considerassem uma pequena rameira que vem implorar favores, a ser expulsa daquele lugar tépido onde ela sonhava e esperava, a todo o instante, o advento de alguma coisa definitiva, deslumbrante.

— Até amanhã! Amanhã podem ter mais sorte! — disse o porteiro, tocado por aquelas lágrimas, e dando à voz uma qualidade entre paternal e descrente. Maria sentiu-se um tanto confortada com aquilo. De tal modo ela se identificava com o caso e a vida de L., que não lhe ocorreu que se empenhava e sofria, de certo modo, por alguma coisa que lhe era verdadeiramente estranha. Ele era-lhe perfeitamente estranho, aquele forasteiro de andaina enxovalhada e que parecia carregar uma maleta vazia. E eis que ele não estava sequer perturbado e triste, agora que a Pousada se fechava nas suas costas e eram corridos os portões de ferro.

— Vou-me embora — declarava, com um sorriso hesitante. Era tudo.

Tinham a seus pés a vila, na madrugada cheia de luar. Faixas de nuvens que pairavam baixas estavam imóveis sobre os telhados; e delas rompiam chaminés e cata-ventos, e os arcos musguentos que ligavam velhos muros e eram como fontes suspensas com a sua cachoeira vaporizada a diluir-se no ar. Ar tão penetrante e fino que, respirá-lo, provocava nos pulmões e na alma uma opressão dolorosa.

— Agora vou-me embora — disse L. — Vou assim, pela calada da noite, feliz porque ninguém me pode reconhecer, ninguém me vai apontar e dizer — «Aquele esteve aqui»... Seja como for, esqueciam-me depressa. Ninguém se preocupará em afirmar que estive na feira e que vim aqui.

— Eu não esqueço depressa — disse, precipitadamente, Maria. Muito impressionada, entregando-se a uma expansão de ternura e de piedade, ela abraçou L. e ficou a soluçar brandamente sobre o seu peito. Ele tocou-lhe nos

cabelos, que eram como penas negras e frisadas, e nem por um instante sentiu que se evadia da sua solidão. O seu coração permanecia incomunicável e fechado, e a nada mais aspirava que romper ainda mais os débeis laços da curiosidade, do interesse, do medo; nada mais desejava, para estar livre, que descer a montanha e perder-se nas profundidades inescrutáveis donde tinha surgido.

«Agora vou-me embora» — pensava incessantemente. Nada mais que um forasteiro que chega e que partiu sem que ninguém o abordasse na passagem, para perguntar qual o conteúdo da sua bagagem. Maria também nada lhe perguntara. Acompanhara-o, vivera a sua mesma adversidade e compreendera a sua angústia, vendo-o perdido e sem amigos nessa terra estranha e no turbilhão da feira. Mas não lhe dissera. «Qual é o segredo da tua vida? Foi longo o teu caminho, deves estar cansado, amargurado porque a Pousada te repeliu, e é inutilmente que estás aqui. Mas podes falar-me das raras e novas coisas que decerto trouxeste contigo». Mas ela, com a monstruosa indiferença de todos os mais, nada lhe perguntara. Sentia contra o seu peito a ressonância dos soluços de Maria, e isso não o impedia de pensar: «Amanhã, ela voltará à Pousada». Aquilo magoava-o e, ao mesmo tempo, era-lhe grato. Fazia-o experimentar uma espécie de alívio, porque assim sabia que poderia definitivamente tornar pelos caminhos abruptos e solitários, e descer a montanha. Ela não o seguiria.

Não o seguiu. Ficou no limite da vila, ora acenando-lhe, ora aconchegando os braços sob as largas mangas do casaco, arrepiada, com um abatimento que era sobretudo impaciência por se agasalhar e regressar a casa. Quando L. olhou para trás, já não a viu mais.

Era quase manhã. Carreadas de toros, que rojavam atrás o cocuruto dos pinheiros, subiam penosamente a estrada, o lampião de azeite bruxuleante na névoa. Entreviam-se casebres de tabuado, hortos onde uivavam rafeiros, crianças sentadas sobre o chão de jorra, mamando numa côdea. Os burricos das leiteiras passavam com o estrupido dos cascos e chocalhar das latas. As ravinas estavam coalhadas de margaridas, violetas brancas, junquilhos bravos. L. descia a montanha. Saudava as gentes, de hoje, com um brado arrogante e jovial, e o eco devolvia-lhe os gritos em tom velado e misterioso. Pôs-se então a desafiar o eco, inteiramente absorto nessa espécie de jogo, distraído da terra

que despertava para um novo dia de feira, para a eterna ronda à Pousada. A sua voz e o seu vulto foram-se perdendo ao longe, desceram até à profundidade dos caminhos rasos entre cordilheiras, — e foi como se penetrasse com a sua pequena bagagem, o seu velho impermeável, o seu coração livre e cordial, na terra imutável e sombria.

NO CAMINHO DE EMAÚS

O homem afrouxou a marcha, cortando o gás do pequeno motor, que era como um abdómen de abelha metalizado e de cor azul. O zumbido, que era também como o duma vespa ameaçadora e frenética, decresceu, foi esmorecendo até ficar de todo sobreposto pelo rangido dos pneus ao triturar a areia, que as rodas espadanavam ligeiramente. Não conhecia a estrada, e o sol, que flamejava um clarão de cadinho que se derrama repicando centelhas vivas e crepitantes sobre a paisagem, desvanecendo horizontes, diluindo pormenores, desorientava-o ainda mais. Era uma hora de canícula, arrasante, afogueada, espessa de cheiros que rompiam das valas, dos boqueirões saibrosos das minas onde apodreciam limos e cadáveres de doninhas e ratos dos campos. Os silvados, repletos de amoras que pendiam, poeirentas, entre a folhagem áspera, eram como fósseis, apenas movidos por um vibrar de asa, um rastejar de lacrau, um baque de melolonta ou gafanhoto cor de pó, que pula entre os caniços de milho restivo. Ouvia-se nas eiras o estralejar das palhas demasiado secas, da casca do feijão já malhado e que retorcia no calor. Sob as medas dormitavam os coelheiros, caçando, com patadas sobre as orelhas peladas, as moscas que se lhes pegavam às crostas, fazendo-as sangrar.

O homem ia pela estrada fora, perscrutando os lugares, as choupanas de colmo, os pomares onde crescia com uma fogosa ingenuidade um pé de rosas de Alexandria. Como que filtrados da terra, subiam no ar rumores de um mundo que se agita na obscuridade e na profundeza. distender de

raízes, respirar de corolas que definham a cada gota exaurida, murmúrio de água que corre sob uma cúpula de rocha, um vão de tronco gigante, semente que germina em tentáculos famintos, verme que se contrai sob uma

garra, estertor de vítima, agonia e metamorfose, ritmos implacáveis da vida e da morte. O homem via a sucessão de campos e pinheirais, os telhados negruscos, os cortelhos onde o gado surdamente mugia, os esteios de xisto erguidos como lápides, ao longo dos pequenos bardos. Com o olhar arguto de labrego, ia calculando valores de jeiras, profetizando colheitas, invejando o solo negro onde a seca abria lanhos. Ele fazia parte dessa classe de gananciosos prudentes, sempre mais afortunados que os verdadeiros ambiciosos a quem a imaginação vitima, mais do que o faria a inaptidão e a fatalidade. Era um homem cheio de virtudes medianas e a quem o equilíbrio de todas as faculdades medíocres podia ser imputado como uma anomalia. Era um homem de negócios, e viajava, naquela tarde abrasante, de uma terra a outra da província, montado naquela máquina zumbidora, cujos cromados relampejavam como bólides que o próprio ar candente inflamasse. Talvez porque naquela região ele sempre passara a pé, e por atalhos, achava a estrada desconhecida, e seguia cauteloso e lento, um tanto ufano da sua nova posição de viajante - posição que a si próprio confessava mais respeitável do que cómoda. Mas era ele um campónio que apenas se civilizava e tinha por cunho da sua prosperidade a assinatura do jornal e o relógio seguro no pulso por um bracelete de malha de prata. Outros, os que atingiam os pináculos do progresso, pressentiram já que a extrema comodidade está na razão inversa do respeitável.

O homem, um tanto desorientado, dizíamos, fazia aritmética com a paisagem, matutava em lucros e despesas, esbordar balsas e lagares, enchendo as tulhas de cereal, e de madeiras serradas os cais das redondezas. «Bom negócio!»- dizia, em transe de inspiração especulativa. A sua máquina com abdómen de abelha parecia voar delicadamente, repartindo no solo duas finas barreiras de areia branca. «Diacho» - pensou o homem. «Onde estarei eu?» Nem uma brisa, nem uma sugestão de sombra fresca. A terra estava como que agonizando num resfolegar ardente; a cal dos marcos lascava, e sobre as leiras de semeadura voejavam corvos, as penas hirsutas do pescoço a fazer-lhes gargantilha esvaretada, suja. Vinha, de longe, de copa a copa de eucalipto, o seu crocitar agudo e alarmado.

Com a mão em pala, o homem olhava. Sorriu, num súbito clarear de expressão, muito desanuviado agora que reconhecia o lugar, Desmontou,

desviou-se da estrada, e foi subindo uma vereda de carro muito entalada entre ribanços cortados no saibro mole e esfarelado, onde cresciam urzes e tojeiras. Perto era a loja do Bento, um compadre ladino que lhe farejava os negócios de ferragens, muito avisado para comissões, ardis de ganho sem capital, informações, escuta. No mais, um tipo gordo, espandorgado sob o avental de linhagem, as mangas remendadas da camisa manchadas de vinho, e matorrais de pêlos entufando-lhe os ouvidos. A mulher enganava-o muito, que era fêmea azougada, de fêveras trepidantes muito apetecidas pela freguesia da loja. Isto ruminava o nosso homem da máquina, trepando a vereda com um esbofado de canseira.

A taberna, modesto retiro com uma parreira nodosa, cheia de braços molengos como cipós, ficava numa clareira. Havia uma mesa fora, com um banco arrimado à parede e sob a caixa vermelha do correio. Via-se do limiar da porta, onde pendia o ramo de loureiro, o balcão, as fitas espiraladas de caça-moscas. O homem encostou à berma do caminho a bicicleta, que rondou desveladamente, antes de se afastar.

- Ó da casa! - chamou, em tom repousado, íntimo. A mulher veio, de dentro, a saia empinando sobre o ventre rijo, e com o olhar faceiro saudando antes de falar.

- O Bento foi prà feira da vila, ó compadre! - disse. Tinha um rosto muito iluminado de cores, bonito; e sobre os ombros badalavam as agulhetas de oiro dos brincos, peças muito originais, como torrezinhas góticas cravejadas de turquesas.

- Venho arrear saudades de si, não é do Bento, não.

- Agora! Olha o trengo do homem!... - riu ela, as mãos apoiadas nos refegos da cintura, aparentando descrenças desdéns. - Vem mas é beber um copo, não haja dúvida!!

Com a última risada, ela desandou, ouviu-se em breve lá para dentro o entrechocar de canecas sobre o zinco do balcão, um enxaguar barulhento na água da torneira. O homem voltou-se para a mesa sob o enfolhado ruivo da videira, teve um pequeno sobressalto quando a voz soou junto de si, abafada, cordial e levemente precipitada.

- Boa tarde! - disse o desconhecido. A voz não diferia em nada dessa entoação pressurosa, demasiado amigável, que se nota nos mendigos e em

certo tipo de camponês, cuja humildade é um resultado do pessimismo a que o revertem as condições de subsistência e a mediocridade da terra e do clima. É a mediocridade na própria paisagem que exerce no carácter a mais desmoralizadora das influências.

- Boa-tarde! - respondeu o nosso homem da máquina. Sentou-se defronte do outro, analisando-o com esse velhaco sentido de avaliação que se desdobra no homem civilizado, tão prontamente como um instinto de defesa. O outro fitava-o tranquilamente, com um olhar semelhante ao de certos cães filósofos por condição proletária e que se limitam a esperar sem ter esperança, diante de todas, boas ou más, perspectivas. Era um olhar delicado, talvez até jovial, iluminado por uma ironia íntima, à qual, de resto, parecia ser estranho. Era um desconhecido, mas o nosso recém-chegado havia muito que se descascara dessa natureza de primitivo que vê em cada desconhecido o inimigo em potência. Experimentava, antes, diante de estranhos, uma tentação de comunicabilidade, um desejo de desfrutar conhecimentos e informes, notícias doutras terras, do inventivo do progresso, o génio do homem-parafuso, a originalidade comercial, a efabulação dos ritmos do lucro, do intercâmbio, rapidez e do sucesso, A sua sociabilidade não tinha limites, ainda que o homem lhe fosse cada vez mais indiferente.

-De passagem?... - perguntou. Notou no outro o vestuário coçado, o gesto trémulo de ir rolando o copo nos dedos, para fazer render as últimas gotas de vinho, e desde logo sentiu a sua ascendência sobre ele, o que fez encará-lo duma As coisas não correm bem forma brutal e bem-humorada. disse, cheio duma troça afável. para ninguém... deixe lá... Rod O outro riu-se, baixinho. Era pálido, um tanto grisalho; vestia um estranho casaco com enormes bolsos sobrepostos, dum tecido espesso, de sobretudo. Um gancho de metal, fora de moda, fixava-lhe a gravata sobre o peito.

- Há uma porção de coisas que me estão a acontecer depressa demais, e eu... Parecia desculpar-se, e abanava levemente a cabeça, como se quisesse sacudir ideias importunas ou abstrair-se duma dor.

- Que eu saiba, nada acontece depressa demais, a não ser a morte.

- Pois estão-me a suceder uma porção de mortes. - Encostou-se contra a parede, e as mãos permaneciam débeis - Ainda há poucos e trémulas rolando o copo sobre a mesa. – Ainda há poucos dias eu estava fechado numa

cela, e tinha por única ocupação medir o tempo, contar o tempo, horas, minutos, fracções infinitesimais de tempo. «É isto a morte», dizia eu. Nem desejos, nem esperanças, nem expectativas, nem planos. Tempo. Unicamente, continuamente, tempo!

- Esteve preso? -quis saber o nosso homem da máquina, que se debruçou, tomando um ar de cativante cumplicidade, muito sórdido na sua curiosidade grotesca. Eis que, naquela tarde arrasante, através das suas febris diligências de negócio, à sua mente repleta de números e intrigas económicas, aos seus nervos esgotados pela tensão do ágio, chegava simultaneamente superficial. Por que esteve preso? - disse. uma pausa, um recreio, alguma coisa emotiva, voluptuosa sua Ideias, intenções, palavras. - Calou-se, e, depois, aquele olhar cheio duma ironia altiva que a si mesmo devia ser estranho, continuou:- Eu conheci a morte! Oh, quando a sensação de lugar nos abandona e se extingue com a coordenação do pensamento! Soube o que era estar morto, uma atmosfera de imobilidade e silêncio, e ausência; soube o que era estar morto, reduzido à individualidade mais extrema, mais horrível, da solidão, do infinito vazio. Mas agora...

O esbofado viajante contemplava-o com os seus olhos redondos e pasmados, amarfanhando na mão o lenço manchado de óleo. Estava possuído duma atenção apaixonada que o entorpecia, que lhe esgotava o pensamento, deixando apenas subsistir um deslumbrado sentido de medo. Quem era aquele homem? Nunca o vira na região, em parte alguma? Talvez o tivesse visto, sem porém o notar. O mundo está de facto cheio de criaturas estranhas demais para que sejam notadas.

- Agora... A morte, a morte da minha própria matéria, como me parece próxima, fácil, sem importância! Basta um copo de água aceite à porta dum casebre, para que me destrua e eu role e apodreça numa valeta. E, contudo, eu sei que nem uma montanha desabando sobre mim me fará sucumbir. Ergueu os seus belos olhos, que se pousaram na estreita cena de parra velha e calcinada e a clareira poeirenta para onde convergiam caminhos. possuir razões de esperança! disse. Como estou livre, - Como é confortável não agora!

- E as ideias?- balbuciou o homem

- Estão comigo, mas mais longe, lá onde afinal o homem pode representar uma unidade, pode viver as suas ideias, sem que elas representem

uma adaptação constrangida à natureza humana. O que há de mau nas ideias boas é que elas representam sempre e somente o aspecto afirmativo do homem, que é intrínseca dualidade. Por isso as belas ideias perecem ou se decompõem, tão depressa se exige que sirvam a vida. Finalmente, eu corri após as minhas ideias, vivo-as agora, mas eu estou liberto da condição em que o homem é uma raiz que se enlaça no tempo, e espera. Eu tive a minha ressurreição. Momento que, por si só, vale uma eternidade, em que os passos são como que projectados no espaço, em que os movimentos nos surpreendem, como um nascimento novo presenciado pela razão. «Agora», disse para mim, «volto para os meus amigos, tomo as suas mãos na minha mão e conto-lhes que estou vivo, que eles estão vivos, comigo». Eu pensava que o segredo da comunicação entre os homens era apenas o tempo, essa profunda fusão de vidas entre as quais basta a concordância do tempo. Mortos, cada um de nós se individualiza no tempo. Eu disse: «estou vivo». E os meus amigos não me reconheceram, não ouviram a minha voz. O tempo, essa abstracção que une os homens, criou um círculo fechado à minha volta. «Estou vivo», digo. Mas onde? Em que lugar, em que futuro ou que passado? Os homens não são meus vizinhos no tempo, porém eu estou vivo, sou a ressurreição e o êxtase, e eles são uma esperança.

O nosso viajante da máquina estremeceu. Com o lenço sujo de óleo, limpou a fronte, como gesto precipitado e inquieto. Não se atrevia a olhar o rosto do estranho, e apenas via dele as mãos, que tremulamente se entrelaçavam ou faziam rodar o copo sobre a mesa.

-Quem é você? - perguntou. - Diga-me tudo.

- Já lhe disse tudo.- E ele ficou cabisbaixo e um tanto vexado,

-Tudo?

depois daquela exclamação incrédula e quase colérica. No seu cérebro, apto para a assimilação do progresso, havia um turbilhão causado por um pequeno gérmen de ideia, informe e inquietante. Cada uma das frases que lhe ocorria dizer lhe parecia inútil e fútil. Mas o silêncio feria-o, Cada minuto decorrido lhe pesava no coração, como uma eternidade de passado, apenas feita de passado. E a sensação da sua realidade tornava-se tão intensa que era como se o seu volume enchesse o universo e os seus pulmões respirassem gigantescamente a atmosfera do infinito. «Depressa tudo vai

acabar» ouvia, num reboar surdo. E as massas de som, tão imenso como a sua própria presença, cresciam e ampliavam-se pelas extensões desoladas do silêncio. Cada instante era uma agonia, inútil e definitiva. «Quero libertar-me» ficar a assistir ao próprio fim, gozando os sentidos, amando pensava. «Não quero cada centímetro da própria pele. Quero vencer o tempo». Subitamente, inclinou-se para a frente, como um boneco que perde o equilíbrio, ficou debruçado sobre os braços, os olhos abertos e extraordinariamente perspicazes e atentos aos pequenos casos de vida que se desenrolavam no seu âmbito uma teia de aranha que a aragem estremecia, um rufado de folhagem crestado pelo sol, a célere sombra dum pardal. Uma lágrima caiu, humedecendo-lhe os dedos.

O Bento só vem pela noite, digo-lhe eu!

A mulher sorria, com ar magano, astuto, limpando as mãos ao seu largo avental de riscado azul. Entardecia, e os caminhos brancos cintilavam com o seu pontilhado de mica esmoída. O gado, que descia às presas, para beber, feria o solo com os cascos que ressoavam. «... noite!» - saudavam os garotos que regressavam do pasto, a pança atochada de uvas verdes, muito desembestados na cola dos rebanhos, que zurziam com o rebento de junco. Uma cachopa entrou na loja, sobraçando uma garrafa besuntada de azeite.

- Avie-me aqui, ó tia! - gritou, verrumando com argúcia todo o recheio do antro, as medidas de folha dispostas por tamanhos, as madeixas de estopa que pendiam de pregos, como cabeleiras escalpeladas. O nosso viajante olhou em volta, com um pasmo bronco, melancólico. O lugar na sua frente estava vazio.

- Ouça cá, ó comadre: aquele homem…

Com um gesto, indicou o sítio onde o estranho estivera, sob a caixa vermelha do correio, encostando a cabeça na caliça muito raspada, onde se viam números escritos a roxo indelével, Mas ela cirandava, balançando-se sobre os pés descalços, aviando freguesia, cheia dum donaire repontão e gracejador, as torrezinhas de oiro dos brincos sacudidas com repelões desabridos, de mimo, de tentação. Quando ela veio, por fim, postar-se diante da mesa, com o seu belo riso de locandeira, não lhe perguntou mais nada.

- Recomendações ao Bento - disse, quando partiu.

- Cá serão dadas e estimadas! - bradou a mulher, de pé, no limiar, o enlace rubicundo da parreira em auréola sobre os seus cabelos, que ela alisava com gestos lânguidos, coçando a cabeça com a travessa de osso enfeitada com friso esvidrado, a imitar pedrarias.

Na estrada, o homem parou, equilibrando a bicicleta com a mão segura no selim forrado de lã clara, com as suas iniciais bordadas a vermelho. O velho piso de macadame estendia-se à sua frente, e ele sentiu-se, olhando-o, uma espécie de vertigem e de ansiedade fatigada. Lembrava-se do estranho. E, agora, recordando aquelas feições emaciadas e solenes, os seus olhos admiráveis cheios duma ironia jovial que à sua própria natureza parecia ser estranha, parecia-lhe que o reconhecia. Lembrava a custo cada uma das suas palavras desapaixonadas e embebidas duma entoação de felicidade, de abandonada felicidade. Quem era ele? Quais os amigos? Quem o repelira, quem o encontrara sem o reconhecer, e o esquecera? Lentamente, uma dúvida tomou vulto no seu espírito, cresceu e dominou todo o seu pensamento. «Eu também o conheci, eu?» - disse. E, de súbito, experimentou o desejo de o ver de novo, de contemplar os seus olhos, de fartar a sua alma nessa presença estranha, porém, leal, porém, ainda que distante, amiga, Queria dizer-lhe que o reconhecia, que as suas palavras se lhe enredavam no cérebro e as esquecia, mas que ele o identificava, que o recordava, que afinal não estava sozinho, nem livre, que ambos, no seio do tempo, não eram mais que uma vontade e um sentido.

Porém, havia muito que o desconhecido partira. Era quase noite; enxames de pirilampos passavam entre as giestas, enchendo o ar de fulgores suaves, de tons esmeraldinos deslocando-se morosamente. O homem não devia estar longe, o seu passo débil sobre o velho macadame; e poderia alcançá-lo, poderia aproximar-se, rápido como um bólide, e emparelhar com ele no caminho. Assim decidia o nosso homem da máquina, julgando voar no dorso duma abelha mágica, metalizada e de cor azul. O zumbido frenético crescia até submergir o rolar das rodas que espadanavam borrifos de areia. «De- pressa chegarei junto dele» pensava. Estremecia de piedade, revendo aqueles dedos que se entrelaçavam tremulamente sobre a mesa. Estremecia também de receio. Não sabia porque estremecia de receio, mas tomava-o uma

ansiedade ardorosa e desesperada, e que a consciência da sua carreira veloz e de- terminada não conseguia dominar.

Assim corria o nosso homem da máquina, naquela noitinha cheia de claridade de pirilampos, cujos focos palpitavam de moita em moita. Ouvia-se apenas o zumbido da vespa azul e o rangido dos seus pneus, a respiração do homem que fitava a estrada deserta, com uma dor de pressentimento, de angústia, de esperança, no coração. E nada mais, nada mais.

O NOIVO

Não sabia quando a voltaria a ver. Arrulhava ainda nos ouvidos a voz tão cheia duma tirania cândida, duma ternura que era talvez apenas surpresa perante o arrebatamento obcecado do amor dele. Era ponderada em todos os sentimentos e ligeiramente vil. Mas, notava-se, a sua resistência ia cedendo, muito chocada com a revelação daquela pobreza que lhe parecia romântica, depois de a ter achado repulsiva. Nela, a piedade era a única forma possível de amor. E estavam noivos.

Separaram-se mais uma vez, depois dum desses rápidos dias de idílio em que o coração parece existir suspenso entre dois polos de tempo. "Os teus cabelos são cor de folhas mortas" — dissera ele. As tílias marulhavam sobre as suas cabeças, vagabundos bocejavam nos bancos de ripas, a cidade estendia-se em inúmeros ramais, eriçada de tróleis, de cabos, de zimbórios e chaminés. A poeira, em torvelinho, alcançava as copas donde caiam folhas, coando uma luz ruiva e estática. Assim passou o dia. Mas só muito mais tarde foi que ele a deixou, acenando-lhe do patamar como da amurada dum navio; ela debruçava-se sobre a escadaria de mármore, e chorava, encontrando nas lágrimas quase um recreio, quase uma razão para ser alvo dos seus próprios mimos. Ele sorria de modo suplicante, mudo e de semblante atormentado. Era um rapaz um tanto macilento, quase um adolescente, e que possuía uns olhos largos cuja órbita parecia finamente desenhada a pincel, como nas figuras dos sarcófagos egípcios. Não vivia na cidade, e cada viagem significava para si uma política de privações, de cálculos, de economias, de riscos financeiros, como só alguém que é pobre e conhece a moeda em toda a sua raridade, é capaz de imaginar.

Cada encontro com a noiva custava-lhe vigílias, meditações profundas em busca do expediente que ia concretizar a verba indispensável. Cada suspiro de amor pagava-o com canseira, espírito inventivo e energia incalculáveis. O que para outros era apenas um desejo substituível, uma manifestação burguesa dos sentidos, uma conciliação com a natureza, uma brejeirice da vida, uma anedota, um verbete, uma cólica, uma ociosidade, para si tomava o aspecto concludente duma luta, duma razão intrínseca, duma histórica forma de humanismo.

Descia agora ao centro da cidade, tomando, para encurtar caminho, pelas ruas escusas e mal iluminadas que ele quase desconhecia. A noite era fria; os halos dos candeeiros eram como manchas impressionistas contra as paredes banhadas de luz pardacenta e azul. As lajes dos passeios escorriam uma umidade pegajosa onde dir-se-iam rolar limos e as gomosas decomposições dos bueiros. O burgo estava silencioso e apagado naquela área, onde o casario, com as suas varandas sobrepostas, era como velhas fachadas de cenário. O noivo caminhava no seu passo deliberado e um tanto agressivo, muito peculiar dos jovens tímidos. As vezes, um escaparate de botequim fazia-o hesitar e estremecer. Tinha fome, uma fome insidiosa, traiçoeira, implacável, essa fome de perene jejum, mais terrível que a inanição absoluta, porque rói, porque avisa, porque tenta, porque recorda. Sabia que o espetáculo daquelas vitrinas cheias de vitualhas, os pombos de pele grisácea abeberada de calda, os leitões cuja fêvera rosada era como o interior duma ostra, com um brilho gorduroso de nácar, as pilhas de empadas, de peixe, de frutas, lhe provocariam uma agonia de cobiça, se as olhasse. Passava, pois, sem volver o rosto, mantendo a expressão concentrada e cheia de severidade. Dos portais, sombras de mulheres al-vadias chamavam-no, com voz desesperada e brutal, com discrição irônica, com secura cheia de cinismo, com fadiga, com otimismo, com promessas e com insultos. Distinguia os vultos que se moviam, aproximando, roçagando as roupas; via brilhar no escuro singulares enfeites de vidrilhos, mãos tocavam-lhe, ao passar, emanações de pó-de-arroz, tão denso que fazia tossir, chegavam-lhe às narinas juntamente com um odor de trapos bafientos, de loção barata imitando jasmim. Ele prosseguia, aparentando, calmo. Tinha a impressão de cambalear, de que se esforçava em vão por se mover, sem que os pés lhe obedecessem; e que as

mulheres, submersas nas tocas donde se ouviam as suas vozes moles e pimponas, o espreitavam, rindo entre si e revirando o olhar. Imaginava-as tentadoras, todas elas. Algumas de formas poderosas e abandonadas, como deusas maduronas, de expressão cansada e sem mentira, para quem a nudez é um estado natural, para quem o imoral não é mais que um hábito, e os costumes uma forma de ser moral. Outras, ácidas, agudas como punhais, com toda a intuição do vício, capazes de espírito, porque raro cedem ao sentimentalismo, eram para si uma sugestão de conquista, tanto mais impetuosa quanto o tentavam as mulheres em cujo trato é difícil acreditar-se o preferido e o senhor. Contudo, passou junto delas sem se voltar.

Chegava ao centro da cidade, agitada agora por um bulício fantasmagórico e discreto. Todo o pavimento, o asfalto das ruas, o empedrado preto e branco dos passeios, tinham um brilho suave, de encerado. Nas mesas ao ar livre, dos cafés, demoravam casais, remexendo as suas bebidas com esse tédio rancoroso e despótico dos que se aborrecem em conjunto. O noivo parou, olhando um rapaz que, debruçado sobre um jornal de aluguer, contemplava as palavras cruzadas, já decifradas, com modo circunspecto e penalizado. "Ah!" — pensou o noivo. "Ali está um amigo meu". Apetecia-lhe abeirar-se dele, iniciar talvez uma dessas conversas inúteis e calorosas que são o segredo da comunicabilidade entre os homens. Absteve-se, porém, de o fazer. Encaminhava-se agora para os lugares excêntricos, junto às gares, onde se situavam as dúbias pensões, instaladas em velhos prédios cujas janelas eram como seteiras donde pingavam trapos de cortinas manchadas de caruncho. Bateu a uma delas, respondeu de dentro um estrupido de calçado descendo degraus. Um homem, com uma marrafa de cabelo grisalho tapando-lhe os olhos, entreabriu a porta, com cautela.

— Ah! É você! — disse. Mas não o reconheceu logo.

Vestia uma camisola de algodão, decotada e suja, e parecia mal desperto. — Tem uma cama vaga no primeiro andar.

— Quero um quarto só para mim.

— Bom! — E o homem encolheu os ombros. Bocejava e piscava, atordoado de sono, apesar de tudo, duma cortesia paciente, familiar e bem humorada. Por isso o moço preferia aquela hospedaria. Quando abancava diante da travessa de cozido, onde fumegava o bacalhau entre talos de couve

já fria, repregadas como recortes de oleado, não experimentava qualquer timidez, ou vexame. ou desses complexos penosos que tanto abundam na miséria. O homem sentava-se junto de si, jovial, devorando pratadas, inquirindo coisas e prestando-lhe mais atenção do que se ele fosse o próprio Marco Polo, regressado de Catay. Ele era duma cordialidade tanto mais altruísta quanto era superficial. E nesse contato fortuito e compenetrado do seu momentâneo que entre os homens se encontra mais fervor comunicativo, mais coração, mais anseio de fraternidade e de auxílio. Perante alguém a quem pressentimos que não veremos mais, que perderemos em breve no torvelinho do mundo, e a quem, portanto, não nos acorrentarão os deveres fastidiosos das longas relações, votamos desde logo uma espécie de gratidão, traduzida em camaradagem expansiva, em confidências e generosidades que, muitas vezes, um ente do mesmo sangue, que habita sob o mesmo teto, não logra conhecer durante uma vida inteira. O homem tem horror à prisão mesmo de sentimentos, e são, pois, os estranhos os seus melhores amigos.

— Suba — disse o hospedeiro. - Na água-furtada tem um quarto. Boa-noite!

Subiu ele também, apoiando-se pesadamente no corrimão, que gingava. Grandes baratas negras corriam junto ao soco, aturdidas com a luz. O homem injuriava-as, sem as perseguir, porém, usando um tom complacente. No segundo andar, parou.

— Boa-noite! O quarto não é lá muito bom — disse, como despedida. O jovem não o ouviu. Continuava a subir, poupando o fôlego, porque a escada era interminável e quase perpendicular. Encontrou o quarto, separado do patamar por um reposteiro que ao tato parecia feito de puída linhagem de saco. Possuía uma janela rasgada a toda altura da parede, e, mesmo prostrado na cama, podia ver a paisagem da cidade, os elétricos, com os seus tejadilhos que fosforesciam debilmente, as traseiras dos bairros revestidas de folha de Flandres, com marquises meio arruinadas e anúncios pintados sobre faixas de muros. Aquela visão confortável pareceu ao moço uma espécie de luxo inesperado e com o qual fora contemplado. Tal a relatividade das compensações. Como o monge que abre a porta da sua cela e volta a fechá-la, depois de enregelado, para assim ter uma noção de calor, ele se deleitava com o mísero espetáculo de burgo adormecido, entrevisto da sua enxerga

vulgarmente colocada entre dois sórdidos tabiques, sem mais horizontes que as paredes, onde o punho dos viajantes riscava contas e os marujos embriagados escreviam nomes de mulheres, de portos e embarcações. Pensava na noiva. Tinha ela uma ligeira marca de varíola na comissura dos lábios; e era isso como a depressão cavada por um permanente sorriso. Sorria ele também, pensando na noiva, e não dava por que o leito era fétido e dos lençóis se exalava um odor de imundície, de corpo humano que a pobreza marcou com esse estigma da decomposição em vida, mais odioso que a própria doença e que a morte. Subitamente, adormeceu. Respirava delicadamente, apoiando sobre o peito o punho cerrado. O frio cresceu e envolveu-o como uma torrente de água que se solidificasse. Dos vidros deslizava, em grandes gotas, a geada, e, no quarto, como sob um toque mágico, tudo parecia ter-se petrificado, ter-se tornado gélido e quebradiço. Badalavam horas nas torres e, aos poucos, a luz esverdeada do amanhecer foi-se diluindo, alastrando, como que supurada das trevas. Os nevoeiros esponjosos que flutuavam esgarçaram-se, confundiram-se nos tons cinzentos, na prata fosca, nas espectrais tonalidades da madrugada. O rapaz acordou, ficou arrimado no cotovelo, entrevendo os volumes densos e fechados que pareciam subir como massas de fumo duma cratera. Como gigantes, suspensos sobre o abismo, os edifícios elevavam-se, como que suportando o peso de toda a sombra. Os bairros pobres eram gnomos acocorados, com sinuosidades de escarpa, uma robustez de membros ameaçadora e esmagada. Desenhavam-se, nítidas e frívolas, as cúpulas grafitadas e as torres. Havia cintilações finas, o tremeluzir duma telha de vidro, da geada depositada num beiral, brilhos efêmeros, inconsequentes, quase ilusórios. Um chilreio agudo e persistente, de passarada, enchia o ar, começava a ouvir-se o ruflar das asas dos pombos que faziam o ninho nos nichos das igrejas, entre cariátides de pedra das fachadas, nas infratuosidades dos monumentos. O noivo murmurou: "É o dia em que, mais uma vez, tenho de partir". E o coração encheu-se-lhe dum pesar revoltado, como se tivesse de censurar a ingratidão de alguém. Abriu a vidraça, alta e terminada em ogiva. Uma pequena grade, que lhe chegava aos joelhos, separava-o do abismo, daquele dédalo, ainda obscuro, de ruas, donde subiam os primeiros pregões. Via flutuar sobre a gare próxima a fumaça das máquinas em manobras e que despediam silvos, juntamente com o

resfolegar das pressões e o sistemático ruído dos êmbolos. Tinha de partir em breve — pensava. Envolvia-o um grande frio. O quarto, atrás de si, era nu, asqueroso e frio; e o despertar de todos os escaninhos, o estiraçar de animal que se espreguiça, os bocejos torpes e engrolados, o hálito de milhares de bocas que esboçam esgares de entorpecimento e de sono, foram-lhe sensíveis por um instante, em que adivinhou, auscultou, viveu o ritmo de toda aquela grande jaula que era a cidade, com suas casas, seus becos, suas tarimbas, seus bancos verdes de jardim, com seus boudoirs, seus cinemas, burocracia, bordéis, redações de jornais e leitos *Queen Anne* de casais burgueses. Toda essa noção de sonolência senil, de marasmo, de fatalismo hipnótico, penetrou-o por um momento, fixou-se-lhe no espírito como uma revelação. A cidade, que era um robusto organismo prostrado a seus pés, destroçado, injetado de entorpecentes, causou-lhe terror. "Ah", disse ele para si, "como isto parece realmente um reino de sombras, como isto acabrunha!" E riu-se. Sentia que o seu coração estava repleto.

Nem um recanto havia nele para qualquer outro interesse que não fosse o seu amor, não saberia experimentar qualquer sentimento persistente, nem piedade, nem cólera, nem medo, tanto o amor o exaltava, projetando-se como uma radiação em todos os seus nervos, na sua concepção de tempo e de verdade. Ali, do alto daquela exígua trapeira, olhava a cidade, que um arrepio parecia abalar nos seus alicerces, quando os elétricos, que circulavam já, passavam no encaixe soturno das ruas. E era como se tivesse penduradas dos dedos as torres todas, como brinquedos de Natal, tanto se concentrava no seu ser um poder magnífico, uma espécie de sortilégio terrível que irrompia dos seus nervos e se precipitava no espaço, sobre o mundo e a vida, todos os desejos, todas as coisas criadas. "Tudo isto é meu, a terra é minha, o céu é meu!" - exclamou. Estremeceu, varado de assombro. Empolgava-o uma estranha consciência de poder. Era aquele o dia em que devia partir? Não importava isso, voltaria depois, nada podia impedi-lo de voltar. Que eram as exigências mesquinhas, os obstáculos, as recusas, as traições, as ciladas, os atentados todos com que a vida o enredava? Donde partiam eles? De cada um daqueles seres minúsculos e buliçosos que via moverem-se sob os seus pés, girando e cruzando, torrente de formigueiro, agitação desordenada e vaga? Riu-se ainda, debruçado sobre o abismo. Dinheiro? Tê-lo-ia. Triunfo? Havia de

conhecê-lo. Estendia o braço, e podia tocar os cimos, podia aquecer a palma da mão sobre a mesma face do sol, tocaria o horizonte, e com o dedo traçaria o diâmetro da própria terra. Como arma, invencível, tenaz, implacável, tinha a sua paixão. Se cada homem que passava ao fundo, na correnteza da cidade, suspirando e blasfemando sob o peso do seu fardo, conhecesse o imperativo da vontade, votasse nem que fosse ao próprio inferno a sua paixão, ele resumiria em si a divindade humana, e nada lhe resistiria. Fatídicos noivados da paixão, eles são os carrascos e os redentores do mundo. São, acima de tudo, a reminiscência talvez dum estado divino que o homem pretende reconquistar.

"Não me importa ter de partir!" - disse, cheio de violência corajosa e altiva, o noivo. Tudo, junto de si, era pobreza e desolação. Os clarões pálidos do nascente derramavam-se sobre os telhados, revelando fealdades e ruínas. Apenas a luz era bela, esplêndida, com laivos irisados, com malhas de ouro e cardumes de estrelas fulgindo entre elas.

FILOSOFIA VERDE

Numa dessas madrugadas em que o nevoeiro parece que dá aos becos mais sinistros como que uma comunicação de claridade, de luar, dois homens tentavam abrigar-se do frio, no limiar um tanto avançado dum portal. Maltrapilhos, de barba rala ambos, não falavam. Apenas abraçavam a arcada do próprio peito, agasalhando as mãos, pecas e de falanges lívidas, nos sovacos e sob as cavas dos casacos pingões, prenda decerto dalguma beneficência ou dalgum monturo. Não se poderá definir a sua profissão, sem que um riso extasiado nos assome aos lábios - um riso de Falstaff que sonha, ou de Mefistófeles que faz metafísica. Aqueles dois homens, que se amparavam com o próprio bafo, pertenciam a um género que, por ser ilegal, tem mais assegurada a sua continuidade. Eram simplesmente caçadores de mortes súbitas. Oh, todos nós sabemos o que são mortes súbitas! Uma apoplexia para classes abastadas, quando o herói transita de um bairro ao outro, dum extremo ao outro da ética, e reconhece afinal que não lhe valera dar um passo, pois a morte faz com que se toquem todos os extremos. O fim, que

nunca nos parece prematuro, mas sim fatal, dos anónimos, e este não tem designação nem assopra os ventos da curiosidade.

Aqueles dois seres nocturnos viviam dessa empresa, mais macabra ainda por ser ridícula, de fisgar os falecidos na via pública, os que a congestão vitimou ou o coração deteve no caminho, os que o frio tolheu na posição de quem ainda aspira do colo materno o afago, ou os que a fome prostrou, unhando a terra e colando nela uma boca ainda esperançada, humilde. Quando o aspecto do morto denunciava um burguês, ainda que de limitadas rendas, subtraíam-no ao carro que fazia o intercâmbio entre esses paradeiros de acaso e a morgue, entregavam-no a domicílio, e esperavam, como bons funcionários, a gorjeta. Nas áreas em que actuavam, travavam relações com o polícia de giro, bons homens sempre, que usavam a violência mais por serem timoratos do que arrojados. Não raro, mercê duma piedade compadresca, os caçadores de mortes súbitas, ficavam-lhes sob protecção. E dessa autoridade bonachona, que nem auscultava a razão para esquecer a lei, provinham as informações mais cobiçadas.

- Então, senhor guarda, esta noite, nada? - Não há nada... Separavam-se. Um acoitando-se nas goelas dos portais, perto da carreta que as sombras ocultavam; o outro prosseguindo na ronda, o capote salpicado de um orvalho fino, que era como limalha de prata que viesse oscilando no nevoeiro.

Essa era, ao parecer, uma das noites em que não havia nada. Os dois vigias em vão velavam no seu lugar estratégico, saltitando a pé-coxinho para não se entorpecerem e proferindo pragas surdas e sem cólera. Naquela ruela esbicada por saliências de velhas varandas, experimentava-se a sensação de assistir ao estertorar do silêncio. Eram como clamores filtrados por um tempo infinito, gemidos que as próprias pedras emitiam, um ímpar de fadiga resignada, de dor que a sua própria consciência de eternidade faz passiva, sem, porém, a amortecer. Um dos homens tinha recuado mais para o vão do portal, buscando um nicho onde encolher-se e possivelmente dormitar. O outro falou-lhe, movendo a custo os beiços brancos.

- Não pares, hã, se não queres vir nos jornais!

- Deixa lá... - murmurou o que dobrara sobre si mesmo, o rosto mergulhado no seio, entre as lapelas bambas do casaco. E não disse mais nada; ficou-se quieto, esforçando-se por concentrar todo o calor, evitando os

movimentos, que eram como agulhadas penetrando-lhe a pele amolecida, gasta, como um pano que se usou demasiado. No extremo da rua rolhada pela treva, ouviu-se, ténue e distinto, o sinal do guarda.

- Temos freguesia, vamos - disse o que permanecia de pé, pulando e sacudindo-se como alguém que sofre uma queimadura. - Vamos - repetiu. Saiu para o passeio; as alpercatas pegavam-se-lhe nas lajes húmidas, e ele tremia muito embebido no nevoeiro, onde se recortava como uma silhueta verde-cinza ligeiramente prateada nas bordas.

- Há um tipo aí perto - esclareceu o guarda. - Teso como um carapau, e eu só queria saber como vocês se vão arranjar com ele. Parece que está morto desde o princípio do mundo, e conservava-se assim bem até que ele acabasse.

- Ele há sangues que coalham logo, há - disse, conspícuo e confidencial, o caçador de mortes súbitas, enquanto caminhava. Reparou que o companheiro não o seguia, e rogou-lhe algumas pragas, a que a falta de solenidade e convicção devia esmorecer os efeitos.

- Cá está o sujeito. Faz-me arranjo...

Abaixou-se até junto do corpo, e voltou-o. A lanterna iluminou uma face hirta, com uma amolgadura de queda na têmpora; líquidos viscosos corriam-lhe das narinas, e a boca, cerrada, tinha uma expressão mística e quase sorridente. Parecia pertencer a essa classe de escriturários que têm a sua originalidade, como uma marca de fogo, no macilento da tez, na expressão batida e no terrível do olhar abandonado, vil porque nada espera, sem que, porém, se tenha nele extinguido a pressão dos desejos. Sob a borda das mangas do rapado sobretudo, tinha ainda vestidos os canhões de sarja preta, que os elásticos, gastos, faziam soltos nos pulsos. Voltava talvez dum serão de contabilidade, de escrita, recurso extraordinário das suas necessidades, onde adeja sempre um terror de miséria, mais esgotante que o combate, em campo aberto, com a própria miséria. Tinha no dedo médio um calo que o apoio da caneta provocara, e que estava um tanto penetrado de tinta violeta. Mas as unhas eram longas, esmeradas, polidas, como as dum guitarrista; usava-as em bico, aduncas, muito limadas nos bordos, apuradas com esse capricho ingénuo que é, às vezes, um tique maníaco, uma espécie de conforto ocioso numa vida estrangulada de inquietações, de perigos, ou simplesmente de rasa mediocridade. Quantas coisas estranhas, complexas, denunciavam aquelas

unhas em garra, sopradas com um bafo, lustradas na manga ou na flanela da calça, tasquinhadas a lâmina e a canivete, miradas a distância com análise, com aprovação, com crítica! Que profundas maravilhas de aspirações audaciosas, ardentes, elas traziam à superfície do homem cujos passes, cujas palavras, cujo ritmo de realidade não eram mais que trivialidade, chateza, um rojar de coisas e pensamentos vãos!

O guarda desviou-se um pouco; o estalido da lanterna ao apagar-se, teve ressonância duma aldraba fina, de cobre, que se deixa cair.

- Chama lá o outro, e aviem-se - disse, desabrido.

Entregou o cartão do morto que retirara da carteira.

- Andam com sorte. Às vezes não há jeitos de a gente identificar.

Mais uma vez, o caçador de mortes súbitas olhou a sua volta, procurando o companheiro, sibilando palavrões e ameaças, pulando como um orango que se excita. Por fim, retrocedeu para a viela onde fizera atalaia, numa corrida chegou ao portal, que franqueou para tropeçar no vulto que, enrodilhado, o queixo enfiado entre os joelhos, parecia dormir. Abanou-o, pondo no gesto uma brutalidade, e, sem contudo pensar inteiramente nele, chamou-o pelo nome, com uma entoação irada e fraterna. Mas, por sua vez, o outro tinha morrido; não havia já um hálito de vida, e energia, de calor, nessa carcaça que jazia enovelada como uma bola de alinhavos, inconsciente, mole. Tinha as pálpebras fechadas e dormia, sim, com uma ruga de perplexidade na fronte e que, desfeita, lhe desenharia uma linha mais clara, tanto tempo a trouxera, desde a infância talvez a criara e se habituara a ela. Dormia, não mais cego, agora que os seus olhos se vidravam, frios como bolas de berlinde, e, como elas, irisados de cores que parecem nubladas, perdidas, sob a superfície do vidro opaco e que os muitos golpes riscaram. Os seus cabelos são o único agasalho da sua nuca, que, dobrada, parece oferecer-se a um cutelo de magarefe; as suas mãos estão entrelaçadas, apertando o vazio; o seu coração está agora tranquilo, e ele dorme. Como esses bolores que crescem nas valas, nas podridões, e delas extraem a sua própria forma, não inspira nojo, nem sequer desgosto. Porém, se virmos sob essa matéria, essa cor de fungo, uma pele humana, o fóssil dum sorriso, dum esgar, duma aspiração humana, então o nosso peito cederá com a intensidade do assombro - do assombro, da incredulidade, da surpresa, e nada mais. Não há dor que

dedicar, pena para sentir. Apenas espanto, humilhação, desejo de reverter também a esse destino que nos faça irmãos no inferno e na lama, já que a luz é escassa e o acaso é um insulto que, poupando-nos, nos envergonha.

O homem caçador de mortes súbitas cismava, junto do companheiro. Conhecia-lhe a amiga, um ente torcido como um tronco que não floriu. Dizer que ela lhe tinha amor é emprestar ao amor um novo sentido; uma vez que aquela dedicação de besta enferma, aquelas traições de fêmea que, na fossa da continuidade mais estiolada e árida, procura ainda a esperança, a aventura, tudo isso é um estado de amor e de ódio, a própria raiz da vida, unidade e dualidade fatais. Ela recebê-lo-ia com os clamores uivados que partem mais dos nervos que do coração, havia de chorá-lo depois, beijando-o com esses mimos que nos fazem voltar o rosto angustiado, porque só nas criaturas jovens, nos que são belos e trazem em si o sinete esplêndido da vitalidade no brilho do olhar, no cândido fogo dos sentidos, só nesses os admitimos.

«Há - pensou o homem - o outro morto...» E eis que o dilema se lhe afigurava insolúvel. Arrastando o amigo para o quartelho onde, como uma lava, escorria a humidade, e onde o receberia a terrível mulher, que o crivaria de culpas e de injúrias, perderia aqueloutro cadáver cujo transporte lhe renderia o seu lucro daquela noite e talvez de muitos dias mais. Duas vezes se moveu para deixar o corpo no seu côncavo de portal, e outras tantas parou, hesitou e volveu. O morto era apenas um fardo, mas tão presente como se um sentido vivo o explicasse, lhe insinuasse poderes e leis. «Há o outro...» - pensava ainda o homem. E via um postigo envidraçado que se abria, ouvia uma voz ensonada, trôpega, agastada pela campainha a desoras; depois, as exclamações trémulas, as luzes que se ascendem, os passos que se arrastam na passadeira, soluços que vibram, sufocados, amordaçados; por fim, a mão que gratifica e fecha lentamente a porta, como quem se isola e divide dois mundos, dois pedaços de vida.

Com um gemido de renúncia e de rancor contra si mesmo e o tirano que assim o vencia, pegou no companheiro morto, colocou-o na carreta, e afastou-se com ele. Tragou-os a ambos o boqueirão do beco que desabrochada em novos laços de artérias sujas e solitárias. De longe, na fulguração verde do nevoeiro, parecia ele uma raiz que a terra expeliu, que se mantém à superfície, nodosa e aniquilada, com pequenos tumultos de seiva criando inesperados

milagres de vida. Como a oliveiras da ilha de Maiorca, secas, centenárias, devoradas do tempo, mirradas – esbracejantes como impotentes fantasmas que se contorcem numa dor estática dor que a própria consciência de eternidade faz passiva, sem, porém, a minorar, como essas árvores mortais, de cujos braços extintos brota, um dia, um pequeno ramo estuante e verde, assim era ele. Como a filosofia verde duma folha tenra encantadora e brilhante, assim era a generosidade do homem que se afastava com a carreta, donde pendiam os membros inertes do morto. E toda a sua história estava talvez na filosofia verde daquela noite.